

MEMÓRIAS E ACERVOS FAMILIARES NO ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Terciane Ângela Luchese

Resumo

O presente texto tem como objetivo pensar o ensino de História da Educação, analisando uma vivência metodológica de ensino que se inscreve como inovação pedagógica ao relacionar (auto)biografias, memórias, História Oral e acervos familiares na História da Educação. Nos últimos cinco anos tenho sistematicamente trabalhado com o ensino de História da Educação em nível de graduação, especialmente com discentes do Curso de Pedagogia em que a disciplina é obrigatória. A análise dos materiais didáticos e dos registros produzidos nessa experiência docente constituem o campo empírico da presente análise que, ancorada nos referenciais da História Cultural, reflete e analisa as potencialidades e os limites do ensino da disciplina de História da Educação. A distância entre a produção de pesquisas no campo da História da Educação e as práticas de ensino inspiradas nesses novos referenciais constituem ponto de reflexão. Instigar os acadêmicos e mobilizá-los intelectualmente para aprender História da Educação foi o objetivo da experiência formativa narrada e pensada no artigo aqui apresentado.

Palavras-chave: Memória; Acervos familiares; Ensino de História da Educação.

Considerações iniciais

A História da Educação no Brasil contemporâneo tem se movimentado em duas direções aparentemente opostas: a pesquisa no campo tem demonstrado vitalidade crescente, resultado das investigações produzidas em nível de pós-graduação e da organização de associações científicas, o que reverbera nos eventos, periódicos e publicações frequentes. São resultados do trabalho de grupos de pesquisa e de suas investigações que corroboram com a construção de múltiplos olhares num campo que dialoga de modo interdisciplinar, mas que tem um pé na História e outro na Educação. No entanto, de outra parte, o ensino da disciplina de História da Educação tem sofrido, sucessivamente, perdas no que se refere à diminuição da carga horária destinada a esse fundamento da Educação nos cursos de graduação. Na maior parte das licenciaturas, a História da Educação deixou de ser parte do currículo e, no curso de Pedagogia, o número de horas destinadas para o estudo tem sido progressivamente reduzido (CARVALHO e GATTI JÚNIOR, 2011; GATTI JÚNIOR, 2006 e 2008; BASTOS, 2011; NUNES, 2003; GONÇALVES NETO, 2015; NÓVOA, 1998 e 2015).

A condição de quem trabalha com a pesquisa e o ensino em História da Educação, como bem manifestou Nóvoa (2015) é estar entre os campos da História e da Educação. Assim, concordo quando ele pondera que

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de reflectir sobre o seu trabalho, de compreender a importância do conhecimento para as sociedades contemporâneas. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua acção nas continuidades e mudanças da educação. A história da educação só existe a partir desta dupla possibilidade. [...] A história não serve para nada, a não ser para pensar. E isto é tudo. (NÓVOA, 2015, p. 32).

Propiciar desafios de aprendizagem em turmas de jovens, recém egressos do Ensino Médio, de um modo geral, para além dos problemas a serem enfrentados, como pesquisadora e educadora, penso: o que eu, em conjunto com esses acadêmicos, nos limites de espaço e tempo que estão postos, podemos vivenciar para construir algum conhecimento histórico-educacional que tenha sentido na formação de professores? Ainda, me coloco algumas outras questões para reflexão: De que forma as tendências e as renovações que tem ocorrido no campo de pesquisa da História da Educação tem ressoado no ensino da disciplina acadêmica? O conjunto de conhecimentos já acumulados acerca da diversidade de objetos investigados tem estado presente no ensino-aprendizagem da História da Educação? Ultrapassamos, em nosso cotidiano de ensino-aprendizagem da disciplina de História da Educação, o uso de manuais, em geral pouco relacionados com o conjunto de achados de pesquisa mais contemporâneos? A essas questões, muitas outras poderiam ser somadas. Mas para a extensão restrita do presente texto, objetivo pensar essa tematização, analisando uma vivência metodológica de ensino que se inscreve como inovação pedagógica ao relacionar (auto)biografias, memórias, História Oral e acervos familiares no ensino de História da Educação.

Considerando as pesquisas que tenho desenvolvido no campo, as leituras decorrentes, a minha própria história de formação, as características específicas da instituição de ensino superior em que atuo e o universo cultural que a circunda, organizei o relato que apresento, dividindo a narrativa de dois momentos: num primeiro explícito os pontos de partida tomados no ensino de História da Educação, as primeiras intervenções mais relacionadas à (auto)biografia e no segundo momento, as entrevistas, as memórias e os acervos familiares mobilizados e relacionados com a História da Educação.

Partindo do sujeito histórico

Nos últimos cinco anos tenho sistematicamente trabalhado com o ensino de História da Educação em nível de graduação, especialmente com discentes do Curso de Pedagogia em que a disciplina é obrigatória. Cabe mencionar que o curso é noturno, a maioria dos acadêmicos são mulheres jovens que trabalham e, ainda, que em bom número residem em municípios vizinhos. No trabalho cotidiano é perceptível a constatação de Hobsbawm ainda em fins do século XX, de que “quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (1995, p. 13). Ou seja, o presentismo que vivem nossos jovens dificulta a reflexão, a compreensão dos modos pelos quais os processos educativos e escolares “deram no que deram e como se relacionam entre si.” (HOBSBAWM, 1995, p. 13). Entendo que é por meio do conhecimento histórico que somos capazes de compreender e questionar nossas experiências no presente. Portanto, não se trata de apenas conhecer o passado educacional, mas de situar-se criticamente e cabe aos professores-formadores, no caso aos historiadores “cujo ofício é lembrar o que outros esquecem” (HOBSBAWM, 1995, p. 13) promoverem experiências que auxiliem essas jovens em formação para a docência a sensibilizar-se e a compreender o processo histórico educacional. Provocá-las a pensar, como refere Nóvoa (2015).

Para que tal intento possa lograr êxito, os acadêmicos precisam ser partícipes do processo e, também, conectar os estudos realizados com as experiências que vivenciam, com o contexto sociocultural que habitam. Percebo, como afirma Nunes (2003, p. 131) que “seu conhecimento prévio da história da sociedade brasileira, com raras exceções, é fragmentado e acrílico” o que não pode ser uma amarra para os estudos. Assim, nos limites e contingências que sempre estão presentes, proponho que pensem e escrevam sobre suas expectativas e o que pensam que irão estudar na disciplina. Nesses anos, tem sido recorrente o resultado – a imensa maioria não faz ideia do que se trata, nem mesmo do que iremos estudar. Assim, uma das primeiras práticas na disciplina é a sensibilização para o estudo da História da Educação. Um dos textos que tem colaborado para tal intento é de António Nóvoa, no prefácio da trilogia de livros organizados por Stepanhou e Bastos (2005). No semestre de 2015, outro texto de Nóvoa, intitulado ‘Carta a um jovem historiador da educação’ deu apoio à discussão promovida em torno da questão: porque e para quê estudamos História da Educação? Muitos jovens, ao adentrarem no curso de graduação, protelam a escolha dessa disciplina e o fazem apoiados nas difíceis experiências que tiveram quando cursaram o Ensino Fundamental e Médio. Estudar História envolve algo enfadonho, distante, inútil, baseado em memorização de

informações e datas. É o que ainda, infelizmente, muitos dos meus alunos pensam ao iniciar seus estudos.

Historicamente a disciplina de História da Educação esteve associada à formação de professores e como nos lembra Nóvoa (1996, p. 418) “deve ser vista à luz de três processos simultâneos: a estatização do ensino, a institucionalização da formação de professores e a cientificação da pedagogia.” Faz sentido que ocupemos o espaço/tempo, mesmo que escasso da disciplina, planejando e oferecendo o máximo de possibilidades de interação e de construção de aprendizagens que enriqueçam o repertório de saberes histórico-educacionais dos acadêmicos ou como refere Depaepe “apesar do espaço reduzido que ocupa na formação de docentes, a História da Educação, como elemento de uma história cultural mais ampla, segue sendo imprescindível para situar o ensino e a educação em seu próprio contexto” (DEPAEPE, 2009, p. 21).

Após leitura, debate e problematização acerca dos estudos relacionados à História da Educação, encaminho duas propostas simultâneas: a primeira, é a de que escrevam um memorial pessoal sobre suas próprias experiências escolares; a segunda, que façam a leitura do livro organizado por Fischer (2011) em que constam capítulos autobiográficos narrando experiências de escolarização de docentes atuantes hoje em universidades. Nas aulas seguintes, iniciamos estudos sobre a educação brasileira contemporânea para na sequência relacionar com o passado histórico. Decorridas algumas semanas é momento de entregar e apresentar, em seminário, o memorial das vivências de escolarização. Como atividade de escrita livre, as lembranças evocadas e registradas pelos estudantes seguem desde curtos e sintéticos textos, a outros mais ampliados, com minúcias e mesmo alguns acompanhados de imagens fotográficas, de objetos e/ou recordações significativas da experiência pessoal de escolarização. A apresentação pública de parte de suas memórias é livre, já que a escrita pode ter trazido elementos que nem sempre o estudante deseja partilhar publicamente. Lembranças de professores e modos de ser e agir em sala de aula, de colegas, de experiências positivas e negativas, de aprendizagens ou de dificuldades, enfim, múltiplas memórias. Como refere Bastos (2008, p. 434), “[...] a história dos atores sociais significa o reencontro com a experiência”. Delas, a problematização, a reflexão e a relação – em que tempo – lugar - instituição escolar vivenciei essas experiências? Narrativas partilhadas, memórias cruzadas, e a História? Novamente, instigo para que leiam e possamos somar elementos políticos, econômicos, sociais, culturais, portanto contextualizando o que foi vivido e narrado coletivamente. Que país, que contexto local, que políticas e práticas sustentam o vivido? Bastos nos ajuda a compreender que

O componente experiencial pode fornecer-nos um melhor entendimento do modo como alunos e professores, a título individual ou coletivo, interpretaram e reinterpretaram o seu mundo, do modo como os atores educativos construíram as suas identidades ao longo dos tempos, do modo como a experiência escolar tem diferentes sentidos para as diferentes pessoas. (BASTOS, 2008, p. 434).

Sequencialmente, novo seminário para partilhar as leituras do livro de Fischer (2011) e, nova oportunidade para ampliar o repertório de relações, aproximações e também diferenciações entre o estudado na História da Educação brasileira e o vivido pelos diversos sujeitos em seu processo escolar. Como comparativo, a experiência da escolarização vivida por cada acadêmico, anteriormente descrito no memorial. Emergem, então, novas aproximações e distanciamentos em relação às leituras e estudos feitos. E retrocedemos, e novas perguntas para o estudo vão surgindo: por que livros censurados? Estudantes perseguidos, presos? MOBRAL? Lousa de ardósia? Tantos quilômetros a pé para estudar? Não tinha banheiro? Bancos de madeira? Falavam alemão/italiano? Foram proibidos? Não entendiam o que o professor falava? Eram castigados? E tantas outras questões começam a fervilhar em nossas interações. Não para serem curiosidades, ou instigações sem sentido. Mas para suscitem o encontro entre o que não conheço e posso vir a saber, entre o que ignoro e posso vir a conhecer, entre o que ainda não sei, mas quero aprender, seguindo em direção ao que diz Nóvoa “a história é sempre um esforço de problematização, uma obra de arte, de criação, feita hoje com base num exame rigoroso do passado” (NÓVOA, 2015, p. 24-25). E, assim, seguimos, construindo relações de aproximação entre memória e História, entre o narrado nas memórias individuais e as histórias da educação.

Penso que a prática pedagógica está baseada em propostas de trabalho em que a interdisciplinaridade, a interação, a pesquisa e a resolução de problemas/desafios são balizadores do planejamento docente. Assim, a relação presente-passado-presente se faz constante e as intervenções pedagógicas que proponho procuram valorizar o sujeito e seu contexto de vida como pontos de partida, construindo relação permanente com o que está sendo estudado.

Construindo relações entre memória, História e acervos familiares na História da Educação

A intervenção de aprendizagem seguinte é a construção do conceito de Memória e de História. Para então compreender a metodologia da História Oral. É o momento que eu os

desafio a construir, coletivamente, uma entrevista temática. A entrevista tem como tema Escolarização e pode ser feita com discente ou docente. O roteiro é construído pensando-se em eixos norteadores. Os principais dados de identificação do entrevistado e memórias da escola nos subitens: - tempo; - espaço (arquitetura); - sujeitos escolares (professores, colegas); - práticas pedagógicas (aprendizagens, materiais, propostas, disciplinas/saberes, festividades...); - relação família e escola; - outras lembranças. Para as entrevistas com docentes, acrescentamos ainda tópicos relacionados com formação e cultura profissional. Conversamos/lemos/estudamos sobre procedimentos para agendamento de entrevista, o momento de sua realização, a gravação, a transcrição, o termo de consentimento para uso da entrevista. E é o momento do desafio de realizar uma entrevista. Oriento para que escolham, preferencialmente, um entrevistado que tenha nascido antes dos anos 1990. Esse marcador temporal é estabelecido a partir da idade dos discentes. Incentivo para que entrevistem uma pessoa mais idosa e o resultado, predominantemente, tem sido a de ouvirem um avô ou uma avó, o que por si tem apresentado evidências muito interessantes da falta de diálogo entre gerações e da ausência de trocas experienciais. Da entrevista gravada e transcrita, devem elaborar uma conclusão pessoal, fundamentada e contextualizada nos estudos realizados. Para além da entrevista, abrem-se gavetas da memória familiar e acervos de fotografias, cadernos, livros escolares e outros materiais como mata borrão, tinteiro, lousa, livros, jogos e diários emergem. A entrevista, em si, é momento de encontro e na maioria das situações relatadas, os acadêmicos sentem grande satisfação em fazê-la, pois como nos situa Alberti

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba cobrindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem [e da mulher] um indivíduo único e singular, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. Ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo [...] há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem! (ALBERTI, 2003, p. 1).

Esse vivido, repleto de emoções, de lembranças e esquecimentos, de representações, permitem comparar as diferentes experiências, as condições de possibilidade que diferenciam, aproximam, transformam os modos como sujeitos vivem suas experiências escolares. Ou, como refere Bastos (2008, p. 434), “a apreensão do social passa a ser feita a partir das trajetórias e experiências dos indivíduos inscritos em um projeto histórico de análise”. E surpresas nesse processo são frequentes. Em 2015, por exemplo, uma das alunas descobriu que a Avó tinha sido professora – o que ela desconhecia por completo até a realização da

entrevista – e que a mesma ainda guardava materiais, como é o caso do caderno de ‘sabatinas’, apresentado na figura 1.

Figura 1 – Caderno de sabatinas da Professora Gema Baldissarelli



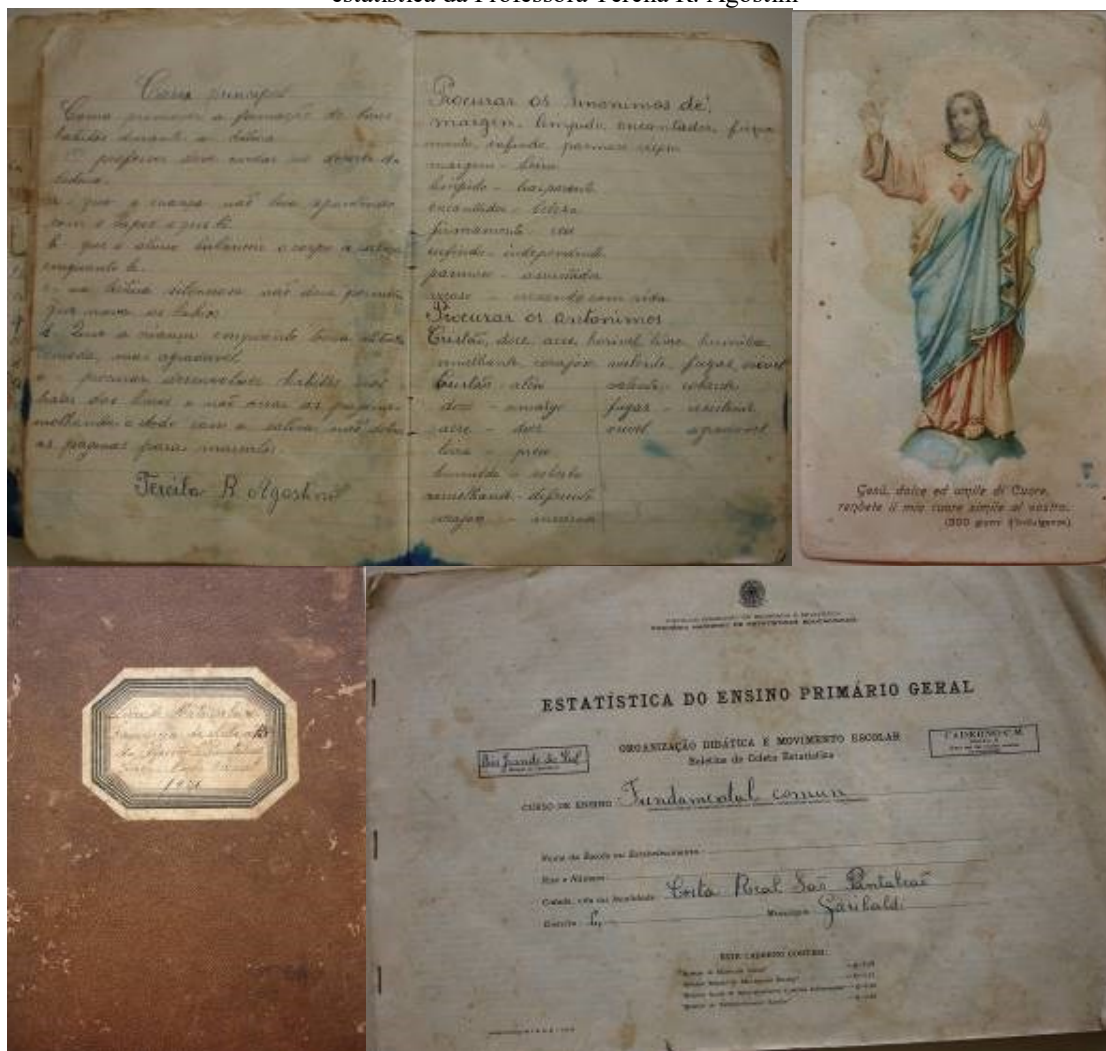
Fonte: acervo família Baldissarelli.

Esse e outros cadernos permitiram várias incursões sobre o tempo que foram produzidos, as práticas que ensejavam, os modos cotidianos de ser e fazer a escola nos anos 1960, em uma escola rural do interior do Rio Grande do Sul, tendo como professora leiga, Gema Baldissarelli. Somaram-se fotografias, livros e memórias, transformadas em documento, com a transcrição. Esses cadernos, como nos lembram Bastos e Stepanhou quando se atenta para eles como documentos históricos, com

A observação atenta desses artefatos, outrora de uso escolar, hoje objetos da memória familiar, possibilita mais do que o exame de uma materialidade ou dos processos de didatização do ensino da caligrafia e, portanto, dos temas de escrita e complexidade dos traçados. Também oportuniza uma reflexão acerca da produção de um determinado modo de ser e portar-se diante da escrita, particularmente como identidade do sujeito escolarizado (BASTOS e STEPANHO, 2012, p. 79).

Em 2011, outra situação inusitada, foi a apresentação em sala, juntamente com a entrevista, de livros de ata, de matrícula, de inspeção, diário de planejamentos, entre outros, pertencentes à Bisavó da acadêmica e que tinham sido guardados pela Avó, naquele momento, a entrevistada.

Figura 2 – Caderno, exemplar de lembrança religiosa distribuída aos alunos, livro de matrícula e estatística da Professora Tercila R. Agostini



Fonte: acervo família Agostini.

A riqueza guardada e na maioria das vezes esquecida ou ignorada de resquícios da vida escolar de avós, pais, familiares e amigos constituem recurso metodológico fascinante para a sistematização e produção de sentido nos estudos da disciplina de História da Educação. A prática pedagógica faz pensar as fronteiras entre a História e a Memória na historiografia, entendendo-a como lugar onde se autoriza a escrita do passado “num movimento concomitante de instituição da memória e de vontade de esquecimento.” (DE DECCA, 2002, p.20).

Nesses anos tem sido recorrente e surpreendente perceber a riqueza que muitas famílias guardam em suas casas e que contam parte da história da escola de uma região e, a evocação das memórias e o acesso aos acervos, tem demonstrado isso. São acervos familiares

ou pessoais, acúmulos que potencializam o ensino-aprendizagem da disciplina e podem corroborar com o campo de pesquisa, pois “não há sentido unívoco para as coisas do passado, e o arquivo [os acervos] contém em si essa lição” (FARGE, 2009, p.91- 92) Os acervos pessoais e/ou familiares não são pensados como respostas a todas as questões que emergem do trabalho com a disciplina de História da Educação, afinal como nos diz Farge, “não existe trabalho modelo ou ‘trabalho-a-ser-feito-assim-e-não-de-outra forma’” (FARGE, 2009, p.64). Mas apresentam uma “pluralidade de memórias da escola, que põem em relevo os valores passados e presentes. Cada um conta, a seu modo e estilo, sua história escolar, sublinhando êxitos e fracassos” (BASTOS, 2008, p. 436). E, assim, entremeando o resultado do trabalho com as entrevistas, acervos documentais familiares, leituras de capítulos de livros, artigos, recorrendo aos filmes, às fotografias e aos muitos recursos digitais disponíveis, construímos o ensinar e aprender da disciplina de História da Educação. Para isso, a leitura e a apropriação de conceitos são fundantes para que a significação do experienciado em sala de aula, dando suporte e significação crítica. Concordo e penso que, como Nunes,

minha intenção é a de que cada um deles, na medida dos seus limites e possibilidades, se dê conta mais profundamente da sua própria experiência como pessoa e aluno, aprendendo a usar uma linguagem pública e, portanto, mais elaborada. Tenho o objetivo central de contribuir para que desnaturalizem a escola na qual estudam e/ou trabalham, isto é, compreendam os processos que a engendraram, a disseminaram e a colocaram em xeque (NUNES, 2003, p. 138).

Destarte, para além dos manuais de História da Educação, é preciso que as intervenções pedagógicas produzidas a partir da presença em sala de materialidades, de documentos escritos, fotográficos e fílmicos abra caminho para novas leituras, pesquisas, produções textuais e a sistematização de sua compreensão.

Algumas considerações finais

A análise dos materiais didáticos e dos registros produzidos nessa experiência docente pode ser pensada como potencialidades e, também, limites no ensino da disciplina de História da Educação. As escolhas metodológicas que o professor faz ao ensinar-aprender História da Educação podem ser múltiplas. Este texto não teve outra pretensão além daquela de narrar uma proposta que desejou instigar os acadêmicos e mobilizá-los intelectualmente para aprender História da Educação. Afinal, como escreveu Nunes

O que conta não é a quantidade de estímulos e assuntos, mas o envolvimento do aluno e o esforço de professores e estudantes para fazer bem feito o que se faz em sala de aula. O que conta é um encontro significativo. A opção por esses projetos de trabalho exige um aproveitamento integral e constante das horas dedicadas às aulas, a

distribuição equilibrada do tempo entre várias atividades previstas e sua coordenação atenta por parte do professor (NUNES, 2003, p. 146).

Desse encontro significativo de que nos fala Nunes (2003), em que a interação professor/acadêmicos, acadêmicos/acadêmicos e para além da sala de aula, com famílias, amigos, vizinhos, enfim pessoas que são mobilizadas pelas entrevistas, produzem uma aproximação, uma significação e um desejo por compreender a escola, a infância e a educação de ontem e de hoje. Permitem que o acadêmico lide com diferentes temporalidades, perceba os diferentes modos pelos quais se produz a História da Educação, pense na instituição escolar como produto histórico, resultado sociocultural no tempo. Ademais, pelo feedback dos estudantes, a proposta oportunizou escrever e pensar sobre as próprias memórias escolares e modos de representá-las, provocou o encontro entre gerações, a valoração do patrimônio histórico familiar e, por consequência, o desejo de muitos entenderem como preservar o acervo documental pertencente à família, a ressignificação e contextualização da cultura profissional docente e seus itinerários, ampliando o repertório de conhecimentos sobre currículo, cultura escolar, práticas e políticas educacionais. São ponderações que vão ao encontro do que nos diz Nóvoa ao afirmar que

A História da Educação amplia a memória e a experiência, o leque de escolhas e de possibilidades, o que permite alargar o repertório dos professores, ao mesmo que lhes fornece uma visão da diversidade das instituições e lhes revela que a educação não é um «destino», mas antes uma construção social (NÓVOA, 1996, p. 430).

Portanto, longe de ser uma prescrição, o relato narrativo-reflexivo sobre a experiência formativa permite suspeitar que há sempre brechas, bordas que podemos percorrer para construir coletivamente respostas diferentes aos desafios que o ensinar-aprender nos apresentam. Inquietar-se com o vivido, buscando alternativas de intervenção pedagógica é postura desejável e esperada para professores comprometidos com a formação de novos docentes. Do cruzamento da memória e dos achados em acervos familiares foram desdobrando-se ações de pesquisa e produção textual e certamente esta foi uma das alternativas possíveis para o ensino significativo da História da Educação. Há outras, muitas outras. Que sejamos capazes de criar e ousados para narrá-las, dando a ver nossos fazeres, refletindo e recriando a partir dos mesmos, outras práticas para o ensino de História da Educação.

Referências

- ALBERTI, V. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 4fl, 2003.
- BASTOS, M. H. C.. A caixa de pandora: desafios do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil. In: FREITAS, A. G. B. [et.al.]. *O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Maceió: EdUFAL, 2011.
- BASTOS, M. H. C.. Escola(s), memória(s), cultura(s): cruzando histórias. In: *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas - XIV ENDIPE*, 2008, pp. 427 – 439.
- BASTOS, M. H. C.; STEPHANOU, M.. Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: memórias, artefatos e gestos da caligrafia na História da Educação. In: TRINCHÃO, G. M. da (org.). *A caligrafia e a escrita: do desenho das belas letras à livre expressão do desenho da escrita*. Feira de Santana: UFS, 2012.
- CARVALHO, M. M. C. de; GATTI JÚNIOR, D. *O ensino de História da Educação*. Vitória, ES: EDUFES, 2011.
- CHARTIER, R. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DE DECCA, E. S. de. Memória, História, Historiografia. In: *Anais do 1º Simpósio Nacional de História Cultural*. Porto Alegre. 2002.
- DEPAEPE, M. *Vieja y nueva historia de la educación*. Ensayos críticos. Barcelona: Octaedro, 2009.
- FARGE, A. *O sabor do arquivo*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- FISCHER, B. T. D. (Org.). *Tempos de Escola: memórias*. Brasília; São Leopoldo: Líber Livro; Oikos, 2011.
- GATTI JÚNIOR, D. A História do ensino de História da Educação no Brasil: aspectos teórico-metodológicos de uma pesquisa (1930 – 2000). In: *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 26, pp. 219-246, Set/Dez 2008. Disponível em <http://fae.ufpel.edu.br/asphe> acesso em 11/02/2016.
- GATTI JÚNIOR, D. Estudo sobre o processo de constituição do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil (séculos XIX e XX). In: MORAIS, C.C.; PORTES, E. A e ARRUDA, M. A. *História da Educação. Ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GONÇALVES NETO, W. Apresentação: Desafios da História da Educação no Brasil. In: DE SÁ, E. F.; SIMÕES, R. H. S. e GONÇALVES NETO, W.. *Circuitos e fronteiras da História da Educação*. Vol. 12. Vitória: EDUFES, 2015.

HOBBSWAM, E. *A Era dos Extremos: o breve século XX – 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NÓVOA, A. *História da Educação: percursos de uma disciplina*. In: *Análise Psicológica*. Lisboa, v.14, nº4, 1998, pp. 417 – 434.

NÓVOA, A.. Apresentação. In: STEPANHOU, M.; BASTOS, M. H. C.. *Histórias e Memórias da educação no Brasil*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 09 - 13.

NÓVOA, A. Carta a um jovem historiador da educação. In: *Historia y memoria de la Educación*. Sociedade Española de Historia de la Educación, nº 1, 2015, pp. 23 – 34.

NUNES, Clarice. O ensino de História da Educação e a produção de sentidos na sala de aula. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, SBHE, v. 3, nº 2, jul./dez. 2003, pp. 115 – 158. Disponível em <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/220> acesso em 09/02/2016.

STEPANHOU, M.; BASTOS, M. H. C. *Histórias e Memórias da educação no Brasil*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 09 – 13.